

**Trajectoria intelectual de Bram Stoker (1847-1912), romancista vitoriano: sociabilidades e práticas letradas**

EVANDER RUTHIERI S. DA SILVA\*

## **1. Introdução**

Ao longo da segunda metade do século XIX, uma série de embates sociais e entraves culturais forneceram substrato para o escrutínio da tessitura social promovido por literatos e romancistas, amplamente atentos às ansiedades e aos temores que cercavam as suas trajetórias e experiências sociais, situações que os levam, com notável frequência, a incrementar sua escrita com impressões de razões e sentimentos. A relativa democratização do acesso à leitura e a consolidação de um forte mercado editorial europeu desempenharam expressivo papel na constituição das experiências sensíveis de leitores e literatos, em uma conjuntura histórica marcada pela ampla difusão de textos e imagens em vias impressas, por meio de livros, folhetins e periódicos. A imensidade de detalhes fornecidos pelos romances oitocentistas foi apenas uma das características que o transformou em fonte privilegiada para a análise histórica, e igualmente levou os historiadores a atentarem-se aos itinerários, circuitos de sociabilidades e trocas letradas dos atores históricos responsáveis pela sua produção, circulação ou leitura.

O texto que ora se apresenta objetiva mapear subsídios para um breve escrutínio da trajetória intelectual e das trocas letradas do romancista anglo-irlandês Bram Stoker (1847-1912), com ênfase em sua fase de produção londrina, qual seja, entre 1878 e 1912, período em que suas atividades dividem-se entre a escrita literária e a atuação administrativa na companhia teatral Lyceum. O destaque da análise recai sobre dois eixos analíticos centrais, intrínsecos aos percursos intelectuais do literato em Londres: a) o cultivo de uma memória em torno dos círculos de sociabilidades artístico-intelectuais nos quais Stoker inseriu-se, sobretudo a partir de sua relação com agentes da política imperial no último quartel do século XIX, personagens paradigmáticos para a construção de ideias e valores que reverberam em novelas e romances gestados ao *fin-de-siècle*; b) seu envolvimento com um projeto literário no início da década de 1890, o qual agregou letrados de renome nos circuitos culturais e

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR), onde desenvolve pesquisa a respeito da produção literária de Bram Stoker, sob orientação do Prof. Dr. Clóvis Gruner. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

possibilita pensar a constituição de sua trajetória a partir das trocas letradas, em especial com Arthur Conan Doyle, figura de referência no cenário literária em questão.

A proposta de investigar estas circunstâncias e peculiaridades da trajetória intelectual do literato anglo-irlandês, em um jogo analítico de vai-e-vem entre vida e escrita, está em consonância a escolhas teórico-metodológicas que privilegiam as experiências sociais e culturais inscritas nos textos ficcionais, bem como as suas condições de produção e circulação. Isto porque a literatura, e os atores sociais responsáveis pela sua constituição, encontra-se em uma estratégica intersecção entre as instâncias culturais e individuais, capaz de inscrever em si rastros fragmentários de experiências políticas, culturais e sociais. A recorrência ao campo da história intelectual, para o estudo em questão, decorre de uma necessidade de esmiuçar o lugar de produção destas ideias e valores que encontram na literatura, e na teia de relações sociais que dela fazem parte, uma de suas vias principais de circulação. Assim, a ênfase proposta neste texto incide sobre o envolvimento de Stoker no projeto literário *The Fate of Fenella* (1892), para cercar a sua inserção na *intelligentsia* londrina e a sua constituição enquanto letrado. As fontes mobilizadas referenciam os rastros de Stoker na imprensa periódica, seus escritos jornalísticos e, a título de sua problematização, a (auto)biografia *Personal Reminiscences of Henry Irving* (1906), na qual as instâncias intelectuais encontram-se em um campo de forças entre a história e a memória.

## **2. Entre o “cavalheiro genial” e o “talentoso novelista”:** memória, sociabilidades intelectuais e trajetória

No final da década de 1870, o romancista anglo-irlandês Bram Stoker deixou sua cidade natal de Dublin após receber convite do ator inglês Henry Irving, para ocupar funções administrativas no Lyceum Theatre em Londres. Iniciava-se naquele momento algo que poderíamos considerar como uma fase londrina de produção intelectual do literato, que se espraiava pelas atividades esporádicas na imprensa periódica, por seus itinerários junto ao mundo das sociabilidades teatrais – pólo primário de seu contato com os circuitos culturais em Londres – e, a partir da década de 1890, pela escrita literária, com ênfase na produção de romances sentimentais e de horror. Sua notoriedade enquanto literato constituiu-se, sobretudo, por meio desta literatura sórdida, repleta de imagens de degenerescência e monstruosidade, a exemplo de *Drácula* (1897), de *The Jewel of Seven Stars* (1903) e *The Lair of the White*

Worm (1911), romances que forneciam visibilidade a uma série de temores cultivados pela intelectualidade finissecular: o medo do estrangeiro monstruoso, do aristocrata decrépito, da mulher fatal, enfim, de uma miríade de personagens sociais que, acreditavam, responsabilizavam-se por um declínio em termos raciais e nacionais. Estas ideias estavam constantemente em movimento e circulavam entre os intelectuais, por meio de suas leituras e práticas letradas. Diante disso, o movimento inicial desta análise concentra-se em setores dos círculos de sociabilidades intelectuais nos quais Stoker se dimensionava ao final do século XIX, para tentar circunscrever as conexões parciais entre vivência e escrita literária.

Estas escolhas estão interligadas a uma acepção plural que compreende os intelectuais enquanto mediadores culturais e observadores privilegiados do social, cujas “trajetórias pedem naturalmente esclarecimento e balizamento, mas também e sobretudo interpretação” (SIRINELLI, 2003, p.247). A atenção à trajetória intelectual de Bram Stoker atenta-se à “multiplicidade das experiências, a pluralidade de seus contextos de referência, as contradições internas e externas das quais elas são portadoras” (REVEL, 1998, p.22). Se, por um lado, o escopo de observação privilegia os itinerários do literato em meio ao mundo das ribaltas, dos jantares festivos nos clubes de cavalheiros, das atividades esporádicas na imprensa periódica e das trocas letradas com outros intelectuais, há que se atentar às conexões destes espaços sociais com questões amplas que perpassavam a cultura finissecular e o campo literário. Por isso, a tentativa de mobilização da variação de escalas de análise aqui pretendida, em conluio com o estudo dos aspectos individuais das tensões sociais, relaciona-se à necessidade de “de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo” para compreender as “coerções inevitáveis” e como os indivíduos agem em relação a elas (ELIAS, 1995, p.18-19).

Dito isto, convém frisar que em 1882, poucos anos após mudar-se para Londres, Stoker era retratado na imprensa periódica de modo, no mínimo, inusitado: após lançar-se às águas turbulentas do Rio Tamisa para salvar a vida de um suicida anônimo, foi agraciado com uma medalha por seus atos heróicos. O *The Penny Illustrated*, jornal de expressiva circulação entre o público leitor londrino, noticiou a premiação e afirmou que o reconhecimento de seus atos devia-se à “bravura de um nadador experiente”, mas também pelo fato de ser “um respeitável cavalheiro, e uma das mãos-direitas do Sr. Henry Irving, no Lyceum Theatre” (PENNY ILLUSTRATED, 04 nov. 1882, p.295). Em 1896, a popular revista londrina *Punch, or the London Charivari* apontava, em uma pequena nota, um erro na grafia do nome de

Stoker no jornal *Daily News*: “*Brain*” (cérebro), ao invés de “*Bram*”. Todavia, para o autor anônimo da nota cômica, alinhavada ao perfil satírico do periódico, aquele deslize ortográfico estava correto, pois “sem cérebro”, Stoker não estaria na posição de “assistente pessoal de Henry Irving e autor de diversos pequenos contos encantadores” (PUNCH, 06 jun.1896), em possível referência à coletânea de contos infantis, *Under the sunset*, publicada em 1881.

No ano seguinte, Stoker foi novamente descrito pelo jornal *The Penny Illustrated*, como a “devota mão-direita de Sir Henry Irving, um acadêmico, cavalheiro genial, medalhista da *Royal Humane Society*, e também um talentoso novelista” (PENNY ILLUSTRATED, 09 jan. 1897, p.18). Estes artigos veiculados nas colunas sociais em distintos periódicos londrinos eram sintomáticos da proliferação do “jornalismo de sociedade” no século XIX (MILNE-SMITH, 2011, p.100) e fornecem pistas acerca da consolidação da figura pública e da imagem do intelectual em torno de Bram Stoker ao longo de sua trajetória. Com efeito, o “acadêmico” e “respeitável cavalheiro”, o “assistente pessoal de Henry Irving” partilha espaço com o “talentoso novelista”, contingências que provêm indícios acerca das múltiplas atuações dos atores históricos, das trajetórias entrecruzadas, dos círculos de sociabilidades nos quais se inserem e nas trocas letradas das quais compartilham. Sobre estes aspectos da vida e escrita de Stoker que a pesquisa detém-se, em um esforço analítico para demonstrar as vias pelas quais o anglo-irlandês constitui-se enquanto letrado e intelectual.

A reconstituição de parte do itinerário intelectual de Bram Stoker na “poderosa Londres”, como classificou o personagem homônimo em *Drácula* (1897), decorre de uma atenção teórico-metodológica às “linhas que convergem para o nome e que dela partem, compondo uma espécie de teia de malha fina” e que fornecem “ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido” (GINZBURG, 1989, p.175). A atenção recai sobre o pólo primário das sociabilidades e da atuação profissional de Stoker em parte significativa da sua fase londrina, a saber, o Lyceum Theatre, que esteve sob as vistas administrativas de Henry Irving de 1878 a 1902. O Royal Lyceum Theatre havia sido construído em 1834, na Wellington Street de Londres e abrigava a companhia teatral homônima. Com capacidade para até dois mil espectadores e frequentes turnês pela Europa e pela América do Norte, o Lyceum oferecia apresentações de peças de autores como o “bardo de Avon”, William Shakespeare, o poeta laureado Alfred Tennyson e o literato Edward Bulwer-Lytton. A companhia promoveu representações de obras de autores contemporâneos a

Stoker, a exemplo de Arthur Conan Doyle e de sua peça teatral *A Story of Waterloo*, cuja *première* ocorreu em setembro de 1894.

A rotina do Lyceum Theatre circulava em torno da figura de Irving e, em consequência, em torno de Stoker, cujas funções profissionais lhe atribuíam o papel de secretário particular, empresário e tesoureiro. Na imprensa periódica, Stoker era representado como um porta-voz oficial de Irving, e seus encargos profissionais impeliam-no à responsabilidade de organizar as turnês da companhia teatral, experiência que o levou, em diversos momentos de sua carreira, para a Europa continental e para a América do Norte. Um artigo publicado no periódico *The Graphic*, de Londres, sugeria indícios das funções desempenhadas por Stoker. “Os preparativos [da turnê]”, afirmou a nota de autoria do jornalista William Moy Thomas, “foram concluídos pelo Sr. Bram Stoker, e envolverão uma travessia no continente americano pela extensão de dez mil milhas. Como a trupe irá, dizem, levar consigo toneladas de cenários, figurinos e artefatos, o trabalho será claramente árduo” (THE GRAPHIC, 01 abr.1899). Suas experiências com as vicissitudes relacionadas às turnês levaram-no posteriormente à escrita e publicação de *Snowbound: the recording of a theatrical touring party* (1908), uma coletânea de contos supostamente partilhados pelos membros de uma companhia teatral fictícia durante uma nevasca, circunstância sintomática das confluências entre trajetória e produção literária.

O teatro, que ocupou espaço predominante nos escritos autobiográficos de Stoker, evidencia as extensões das “relações pessoais, intelectuais, afetivas” (PONTES, 1997, p.58) que o letrado cultivou em suas reminiscências e demonstra que o mundo dos intelectuais não se resume aos seus livros, pois abarca “os atos relacionais e as práticas cotidianas que permitem vislumbrar traços de relações pessoais” (VENÂNCIO, 2001, p.24). Dentre as amizades constituídas por Stoker, muitas das quais por intermédio de Irving, constavam o romancista Thomas Hall Caine, *best-selling* nas últimas décadas do século, os exploradores Richard Burton e Henry Morton Stanley, a atriz Ellen Terry, e o supramencionado Arthur Conan Doyle, criador do detetive vitoriano, Sherlock Holmes. Além destes, Stoker manteve correspondências com o poeta Walt Whitman, com quem compartilhava um acentuado interesse pela política estadunidense (HAVLIK, 1987, pp.9-16). Esta multifacetada urdidura de sociabilidades intelectuais e laços de amizades foi reafirmada por Stoker em sua obra (auto)biográfica *Personal Reminiscences of Henry Irving*, escrita e publicada no ano seguinte ao falecimento do ator shakespeariano, figura proeminente na trajetória do anglo-irlandês.

Há que se atentar ao fato de que estas relações afetivas, sublinhadas por Stoker em seu *Personal Reminiscences of Henry Irving*, compõem exercícios de ressignificação da memória e de representação pública de um letrado em constante formação. A divisão da (auto)biografia em capítulos que referenciam personagens privilegiados e balizamentos cronológicos demonstram uma tentativa de ordenar elementos dispersos e heterogêneos de sua existência e de sua relação com Irving, de modo a convertê-la em uma narrativa. Afinal, “o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (BOURDIEU, 2005, p. 184). O tom elogioso de Stoker em *Personal Reminiscences of Henry Irving* remetia a um momento em que a escrita biográfica “obstinou-se em valorizar no homem suas capacidades criadoras e seu potencial de ação” (LORIGA, 1998, p.233), proezas heróicas presente em muitas das biografias escritas a partir da metade do século XIX. Ainda assim, torna-se subjacente o fato de que a sua escrita baseia-se em experiências concretas, tecidas em redes de sociabilidades, na partilha de sensibilidades, por motivações afetivas e interesses intelectuais. Ou, com relação ao ator shakespeariano, deve-se igualmente levar em conta o lugar da reminiscência na tessitura narrativa de Stoker, o qual afirmou que sua trajetória entrecruzada à de Irving estava “tão vívida em minha memória que eu consigo lembrar seus movimentos, suas expressões, os tons de sua voz” (STOKER, 1907, p.4), nítido distanciamento entre a temporalidade da narrativa e da experiência, mas calcado na reafirmação de uma suposta vivacidade da memória.

Dito isto, cabe pontuar que em *Personal Reminiscences of Henry Irving*, Stoker referenciou o contato com Henry Morton Stanley em 1882, personagem vinculado à presença europeia na África no contexto imperialista da segunda metade do século vitoriano. Stanley tornou-se uma figura familiar entre os leitores ingleses após a publicação de suas aventuras em *How I found Livingstone* (1871), título que destacava a sua “descoberta” do missionário escocês David Livingstone, na África oriental. Embora o anglo-irlandês não tenha se envolvido diretamente com os entraves políticos ligados à administração de colônias ultramarinas, a trajetória literária de Bram Stoker e seus laços de sociabilidade intelectual apontavam a um engajamento com relação às empreitadas imperiais. Sua narrativa deixava em evidência o interesse com o qual Stoker e seus contemporâneos ouviam os relatos das viagens de Stanley, caracterizados por um “idílio de paz; uma lição no pioneirismo

beneficente; uma página do grande livro da sábia bondade da Inglaterra na civilização dos selvagens, que foi escrita apenas parcialmente” (STOKER, 1907, p.234).

Por meio da valorização do herói imperial, fica evidente um posicionamento ideológico baseado na crença do primado da “raça” anglo-saxônica e da nação inglesa sobre outros povos, particularmente oriundos das regiões almeçadas pelas políticas imperialistas. Estes elementos demonstram que as práticas letradas de Stoker, sobretudo em sua escrita autobiográfica e na literatura, conectavam-se com fenômenos políticos mais amplos, a saber, o imperialismo do final do século XIX e a construção do “culto do herói imperial” (SMITH, 2000, p.104) mobilizado em textos e imagens produzidos nesta conjuntura histórica. A cultura escrita, campo de forças permeado por disputas e interpretações, fornecia espaço de constituição e visibilidade a estas figurações de heroísmo, capazes de converter homens comuns, ressentidos e amargurados, em conquistadores e pioneiros: “há heroísmos em todos nós”, escreveu um dos principais representantes desta literatura aventureira, Arthur Conan Doyle, no capítulo introdutório de seu *The Lost World* (1912).

Neste ínterim, Stoker também dedicou um capítulo de seu *Personal Reminiscences* ao explorador e etnógrafo Richard Burton, “um homem de aço” e uma “autoridade em tudo relacionado a espadas” (STOKER, 1907, p.225-226). A presença de Burton, responsável pela introdução de textos orientais ao público leitor vitoriano, sugeria diálogos intelectuais e políticos, sintomáticos da presença latente de aventureiros do império na trajetória intelectual do romancista. Figura proeminente nos jantares oferecidos pelo Lyceum Theatre, Burton traduziu para o público leitor inglês novas atitudes e prazeres oriundos dos textos orientais, e, assim como Stoker, estava interessado no mesmerismo, recurso que o literato utilizou em sua última obra literária, *The Lair of the White Worm*, publicada em 1911 (BELFORD, 1994, p.238). O vampirismo associado ao Oriente, temática notória no romance *Drácula* (1897) de Stoker, igualmente figura na produção escrita de Burton, o qual traduziu e publicou uma coletânea de contos ambientados na Índia, intitulada *Vikram and the Vampire* (1870).

Além dos caninos expressivos no sorriso de Burton, “os quais brilhavam como uma adaga” – traço fisionômico que Stoker incrementou em seu *Drácula* – o explorador foi descrito como “sombrio, enérgico, autoritário, e implacável” (STOKER, 1907, p.229; p.224). O cognome de Burton, “Ruffian Dick”, derivado da sua “ferocidade demoníaca” ao “combater mais inimigos em um único confronto do que qualquer homem de seu tempo” (WRIGHT, 1906, p.119-120), aparentava-se a um dos heróis de Stoker, o rústico norte-

americano Grizzly Dick, em *The Shoulder of Shasta* (1895). Nas memórias escritas de Stoker, Burton e Stanley apareciam como exemplos morais de cavalheiros da nação inglesa e cidadãos do império britânico. Bravos e heróicos, tais agentes do imperialismo eram descritos como capazes de suportar as difíceis condições da vida nas colônias, e construíram para si uma auto-imagem de aventureiros ou descobridores. Estes homens das letras (e das armas e espadas) serviram de modelo e paradigma para a construção de inúmeros personagens na literatura vitoriana finissecular, a exemplo dos cavalheiros vitorianos que povoavam a ficção de Stoker, capazes de combater as ameaças oriundas das colônias e assegurar a soberania inglesa. Torna-se mais nítido, destarte, o destaque concedido pelo anglo-irlandês ao suposto fato de que Stanley solicitou-lhe “homens jovens, bravos e fortes, para acompanhá-lo à África, e ofereceu-se a aceitar qualquer um que eu recomendasse” (STOKER, 1907, p.235).

### **3. O autor de Sherlock Holmes e o “destino de Fenella”: sociabilidades intelectuais a partir de um projeto literário**

As figurações da indômita bravura vitoriana estendiam-se à produção literária de Arthur Conan Doyle, sobretudo em seus romances históricos e no seu *The Lost World* (1912), que concedeu identidade a um gênero literário demarcado pelo seu caráter aventureiro. Desde meados da década de 1880, momento de publicação de seus primeiros trabalhos, Doyle viveu sob os olhares da opinião pública, e engajou-se em controversos debates na imprensa, a exemplo de sua obstinada defesa pelo conflito militar e pela honra dos soldados na segunda guerra Anglo-Bôer (1899-1902), travada na África do Sul entre ingleses e colonizadores de origem holandesa. Doyle estava crente de que era sua obrigação, enquanto intelectual e figura pública, alçar à defesa das glórias da nação inglesa e fornecer recomendações às suas lideranças em favor das causas honoráveis (KREBS, 1999, p.85). Para além dos vínculos estabelecidos sob as luzes das ribaltas entre Doyle e Stoker, convêm destacar as vultosas atividades na literatura e na imprensa periódica, contingências que aproximaram o criador de Sherlock Holmes e o autor de *Drácula* e convergem com regiões pouco exploradas da trajetória do literato anglo-irlandês.

O entrelace das práticas letradas e das relações afetivas entre Stoker e Conan Doyle remontavam ao início da década de 1890, momento de concretização de um projeto literário e editorial denominado *The Fate of Fenella*. Classificado pela imprensa contemporânea como

um “romance experimental” (THE GRAPHIC, 09 jul. 1892, p.23) e uma “novela colaborativa” (LONDON STANDARD, 06 jun. 1892, p.2), *The Fate of Fenella* foi gestado por vinte e quatro literatos, cada qual responsável por um capítulo. A obra foi inicialmente publicada em formato folhetinesco, pela revista semanal *The Gentlewoman*, entre novembro de 1891 e maio de 1892. Uma versão em três tomos foi publicada pela editora Hutchinson logo após a conclusão da serialização do folhetim. Os autores convidados para compor a tortuosa trama incluíam as novelistas Florence Marryat e Helen Mathers, responsável pelo capítulo introdutório, o jornalista Henry William Lucy, popularmente intitulado “*The Baron de Book-Worm*” pelos leitores da revista *Punch*, na qual possuía uma coluna de crítica literária e, dentre outros, Arthur Conan Doyle e Bram Stoker, que escreveu o décimo capítulo: *Lord Castleton Explains*.

Naquele momento, Conan Doyle, responsável pelo quarto capítulo do romance experimental, já possuía uma produção literária relativamente prolífica, que abarcava uma coleção de romances históricos e a recente publicação do segundo livro da série de Sherlock Holmes, *The Sign of Four*, em fevereiro de 1890. Embora a imprensa da época caracterizasse a complexa rede de autores de *The Fate of Fenella* como “novelistas bem conhecidos e experientes” (THE SPECTATOR, 28 mai. 1892, p.23), a produção literária de Bram Stoker ainda era modesta. Além de alguns folhetins e dos contos reunidos em *Under the Sunset* (1881), seu primeiro romance *The Snake’s Pass* (1890), ambientada na Irlanda e relacionada às lendas em torno de São Patrick, havia sido recentemente publicada. A biógrafa Barbara Belford estende as relações entre Stoker e Conan Doyle no momento de publicação de *The Fate of Fenella*, ao afirmar que a presença do anglo-irlandês na empreitada literária derivou-se de um convite pessoal do autor de Sherlock Holmes (BELFORD, 1994, p.240), um claro indicativo dos entrecruzamentos entre laços afetivos e trocas letradas.

A tortuosa trama de *The Fate of Fenella* derivava dos romances de sensação que predominavam no mercado editorial inglês da metade do século, caracterizados por histórias densas e intrincadas, narrativas de assassinatos, segredos de família e traições sexuais. As novelas de sensação foram as predecessoras dos romances detetivescos, e frequentemente mobilizavam atritos entre personagens oriundos de distintos grupos sociais: mulheres operárias que assassinam seus maridos para casar-se com aristocratas, ou empregadas que ocupam o leito de suas senhoras para fornecerem herdeiros às respeitáveis famílias londrinas. A ficção novelesca atuava diretamente nas ansiedades das classes médias acerca do seu status

social e da estabilidade de sua identidade de classe, sobretudo após a década de 1860, momento em que o Reform Act (1867) estendeu o sufrágio para setores do operariado urbano (THOMAS, 2005, p.180). O fabuloso destino de Fenella, repleto de incoerências derivadas da ampla textura de autoria, inseria-se nessa tradição literária ao elencar uma protagonista adúltera, um marido que secretamente envolve-se com uma amante francesa, um assassinato violento e um estrondoso tribunal, regado a tramas de ciúmes e vinganças.

A tessitura de autores colaboradores em *The Fate of Fenella* reunia uma gama vasta e diversificada de romancistas experientes. Parte significativa dos autores envolvidos no projeto literário eram mulheres, proposição alinhada ao perfil editorial da revista ilustrada *The Gentlewoman*, fundada em 1890 (KING; PLUNKET, 2004, p.18). Apesar disto, ou em decorrência disto, poucos ecos da publicação permaneceram nos escritos de Bram Stoker, e a obra literária tampouco foi mencionada em suas reminiscências. Estes silêncios possivelmente estão relacionados à amarga recepção crítica que o romance alcançou entre parte dos leitores, e demonstram um exercício de “enquadramento da memória” por parte do literato, o qual “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p.9-10). O crítico anônimo no periódico *The Spectator* afirmou tratar-se de “uma história extremamente boba. A trama é ridícula; os personagens alternam e transformam-se de capítulo em capítulo” (THE SPECTATOR, 28 mai. 1892, p.23) e, embora mencione criteriosamente parte dos autores, o capítulo de Stoker foi omitido pelo periódico. O *The Graphic* foi ainda mais longe, ao afirmar que o “destino de Fenella” constituía um “insulto à arte”, um “crime literário”, da qual a experiência de vinte-e-quatro literários “poderia coletivamente ser equivalente a de um único imbecil” (THE GRAPHIC, 09 jul.1892, p.23). Apesar das mordazes críticas a respeito do projeto literário, a publicação de *The Fate of Fenella* demarcava uma inserção inicial de Stoker nos setores da *intelligentsia* londrina finissecular, e apontava para relações afetivas com Conan Doyle. Além disso, as correspondências entre os autores foram mantidas na década seguinte, e após a publicação de *The Mystery of the Sea* (1902), Stoker recebeu uma missiva do autor de Sherlock Holmes congratulando-lhe pela “trama admirável” que “embora não possua o terror de *Drácula*”, havia sido “belamente produzida” (LUDLAM, 1972, p.138).

Se, por um lado, as colaborações literárias entre Conan Doyle e Stoker ficaram restritas ao experimento coletivo, a relação entre o anglo-irlandês e o romancista Thomas Hall Caine produziu empreendimentos editoriais e intensas trocas intelectuais. Membro dos

círculos artísticos em torno do pré-rafaelita Dante Gabriel Rossetti, e assíduo literato do final do século, Hall Caine tornou-se mentor literário e amigo de Bram Stoker, para quem carinhosamente dedicou seu romance *Capt'n Davy's Honeymoon* (1893). Stoker, em retribuição, dedicou *Drácula* para *Hommy-Beg*, apelido afetuoso do anglo-irlandês para o romancista manês que se traduzia por “Pequeno Tommy”. Os laços entre ambos consolidaram-se no início da década de 1890, momento em que Caine foi convidado para escrever uma peça para a companhia teatral, posteriormente recusada pelos censores devido ao seu caráter religioso. Apesar desta vicissitude, em novembro de 1892, Irving estendeu novamente o convite para Hall Caine auxiliar na revisão do texto de outra peça para o Lyceum, *The Flying Dutchman* (BELFORD, 1994, p.218-219).

Parte significativa dos romances de Hall Caine, gestados entre as décadas de 1890 e 1900, haviam sido publicados pela editora de William Heinemann. Caine tornara-se um *best selling* para a editora, e seu romance *The Bondman*, publicada em 1890, foi o primeiro sucesso editorial da companhia recentemente fundada, situação que levou à produção de uma segunda edição em outubro daquele mesmo ano (ALLEN, 1997, p.102). A editora Heinemann publicou cinco romances de Bram Stoker<sup>1</sup>, bem como suas memórias sobre Henry Irving (*Personal Reminiscences*); é muito possível que os contatos entre o editor e o literato tenham sido mediados por Hall Caine, sobretudo após Stoker atuar enquanto intermediário em um processo legal movido contra a editora Tillotson's, acusada de vender os direitos autorais de *The Bondman* para uma tradução da obra em alemão (ALLEN, 1997, p.204). Em 1891, Stoker afiliou-se oficialmente a William Heinemann para co-dirigir a coleção intitulada *The English Library*, com base no modelo utilizado pela editora Tauchnitz, que desde 1841 publicava traduções de obras inglesas no continente europeu. A *Library* adquiriu os direitos autorais de autores como Henry James, Robert Louis Stevenson e Hall Caine, para distribuí-los por intermédio de uma companhia editorial sediada em Leipzig, na Alemanha. A lista de títulos publicados pela *English Library* era ampla, e incluía *Mine Own People*, do “poeta do império britânico” Rudyard Kipling, *The Mystery of No. 13*, de Helen Mathers, outrora colaboradora em *The Fate of Fenella*, e *Intentions*, de Oscar Wilde, todos publicados em 1891, além de *The Scapegoat* (1890), de Hall Caine, publicado em setembro do ano anterior. A coleção obteve

---

<sup>1</sup> Sendo estas: *The Mystery of the Sea* (1902), *The Jewel of Seven Stars* (1903), *The Man* (1905), *Lady Athlyne* (1908) e *The Lady of the Shroud* (1909).

retorno financeiro limitado, foi encerrada em 1893, mas as relações entre Heinemann, Stoker e Hall Caine continuariam pelos decênios seguintes (BELFORD, 1994, p.231).

Os fios que compõem estas urdiduras de sociabilidades intelectuais na trajetória de Stoker estavam relacionados aos espaços de “constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional) e como um microcosmos das relações afetivas (de aproximação e/ou rejeição)” (GOMES, 2004, p.52-53). O que aproxima estes literatos do Oitocentos era um momento de redefinições do campo literário inglês, de modo que “o ressurgimento da *aventura romanescas* na década de 1880 foi uma revolução literária por parte dos homens com o objetivo de reconquistar o reino do romance inglês para os escritores do sexo masculino, para os leitores do sexo masculino e para histórias voltadas para homens” (SHOWALTER, 1993, p.112). No setor livresco ou nas revistas literárias, a exemplo da *The Strand Magazine*, fundada em 1891, proliferavam-se romances que catalisavam um anseio de fuga das estruturas rígidas de etnia, classe e gênero, capazes de deslocar a ação da aventura para regiões nos quais os personagens poderiam se libertar das convenções sociais.

Os triunfos editoriais destes romances deveram-se a romancistas como Robert Louis Stevenson, H. Rider Haggard e Arthur Conan Doyle, os quais alcançaram ampla popularidade e aceitação entre os leitores com tramas aventurescas, ambientadas em regiões exóticas ou nas sombras noturnas dos centros urbanos. Hall Caine, o obstinado romancista e mentor literário de Bram Stoker, era considerado como um legítimo exemplar desta tendência literária e um defensor particularmente expressivo do romance masculino. Em uma crítica literária anônima na revista *Westminster Review* em 1887, o renascimento do romance estava associado ao teor “nobre, puro e moralmente construtivo” dos livros de Hall Caine, cujo “romance da realidade” – uma alternativa inglesa contraposta ao realismo francês – seria capaz de lidar com temas familiares aos seus leitores em uma “análise elaborada, (...) passível de ser artístico sem ser imoral” (WESTMINSTER REVIEW, out.1887, p.843-849).

Hall Caine também se lançou à defesa do romance em um manifesto intitulado *The New Watchwords of Fiction*, publicado em 1890, no qual exaltou os ideais virtuosos das suas obras literárias em oposição a textos culturalmente empobrecidos. Estava claro para o letrado a função edificadora da literatura: “eu acredito que as pessoas que escrevem novelas terão as melhores mentes, as naturezas mais ricas, e os espíritos mais fortes. Não haverá púlpito com maior potencial para espalhar a voz humana do que a novela” (CAINE, 1905, p.4). Em sua defesa, “o objetivo do escritor era aprimorar o mundo, instituir um ideal de heroísmo em um

ambiente adequadamente distante, e não reproduzir personalidades ou histórias fotograficamente” (VANINSKAYA, 2008, p.67). Os laços de sociabilidade entre Stoker e Hall Caine concretizavam-se no momento em que este último publicava seu manifesto em favor do que se considerava como um renascimento do romance romanesco. Esta valorização do heroísmo masculino foi ressignificado e reafirmado pelo literato anglo-irlandês em seus romances publicados naquela década. O termo *gentleman*, a exemplo, era mobilizado pelo romancista para enfatizar suas personagens masculinas, como em *Drácula*, no qual o personagem Quincey Morris era definido pela jovem Lucy Westenra como um “verdadeiro cavalheiro, tão bondoso”, ou mesmo com Arthur Holmwood e o seu ímpeto em defender a “honra de cavalheiro e (...) fé de cristão” (STOKER, 1994, p.76; p.246). A caracterização do *gentleman* como uma personagem heróica e corajosa foi evocada ao longo dos romances de Stoker, e associava-se a um “culto da masculinidade” (GAY, 1995, p.103) na Inglaterra vitoriana, cultivado nos lugares de sociabilidade em que Stoker insere-se, sobretudo, os clubes de cavalheiros, artistas e intelectuais mencionados pelo literato nas suas memórias.

#### **4. Considerações Finais**

Entre o mundo das ribaltas, a imprensa periódica e a escrita literária, circulavam ideias e valores que eram mobilizados por Stoker na constituição de sua trajetória intelectual e de suas práticas letradas. A incursão a setores de seus círculos de sociabilidade, sobretudo os aventureiros do império e os romancistas que promoviam o deleite do público leitor finissecular, dispôs de uma abordagem que se deteve minimamente sobre itinerários individuais submetidos a um plano de fundo histórico em comum. Isto porque, se o percurso individual de Stoker conserva a sua especificidade, a época, o meio e a ambiência merecem ser igualmente valorizados “como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria as singularidades das trajetórias” (LEVI, 2005, p.175). A crítica de Pierre Bourdieu à vida enquanto um “deslocamento linear, unidirecional” (BOURDIEU, 2005, p.184) valida a compreensão de que Stoker não estava destinado a ser um literato, mas constitui-se enquanto tal nos desdobramentos de suas experiências e de seus percursos.

Por meio de seu *Personal Reminiscences of Henry Irving*, exercício de memória em torno do titular ator falecido – pólo dos círculos de sociabilidade intelectual e das relações afetivas nas quais Stoker estava articulado – denotou-se uma série de escolhas que

privilegiavam personagens associados ao império britânico, exploradores e aventureiros, figuras que, na imaginação literária do anglo-irlandês, representavam instâncias de proeminência nacional. Estes agentes do imperialismo atuavam enquanto paradigmas para a construção de personagens ficcionais, a exemplo dos “bravos cavalheiros” que povoavam a literatura de Stoker e de seus contemporâneos (SILVA, 2012). Mas, nos espaços dissimulados, nos esquecimentos e nos silêncios agregados às reminiscências do literato, sob muitos aspectos decorrentes do caráter sempre seletivo da memória e dos constrangimentos cotidianos, encontram-se projetos literários e trocas letradas pertinentes ao seu itinerário nos circuitos culturais londrinos e no campo literário da década de 1890.

Dos laços tecidos entre Bram Stoker, Arthur Conan Doyle e Hall Caine, vislumbram-se fragmentos de um debate que, entre os anos de 1880 e 1890, confluíam em um ressurgimento do romance aventureiro, distinto da novela realista que predominara no mercado editorial nos decênios precedentes. O elogio à aventura dentro e fora dos limites imperiais e ao combate, a relevância da honra masculina cultuada por estes romancistas, vinha em resposta ao que percebiam, consciente ou inconscientemente, como um cenário de declínio estético-literário e degenerescência em termos biológicos e nacionais. Ainda há muito o que pesquisar, e as escolhas privilegiadas neste texto não esgotam o escrutínio em torno da trajetória de Bram Stoker. Com efeito, as hesitações e certezas do intelectual, entre livros e escritos, compõem vias a serem contempladas ao longo da pesquisa, para elucidar as nuances do romancista, homem das ribaltas, jornalista e “respeitável cavalheiro”.

## Referências

- ALLEN, Vivien. *Hall Caine*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- BELFORD, Barbara. *Bram Stoker*. Nova York: Knopf, 1996
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AAMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: o cultivo do ódio*. SP: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

- HAVLIK, Robert J. Walt Whitman and Bram Stoker: the Lincoln connection. In: *Walt Whitman Quarterly Review*, v.4, n.4, 1987.
- KING, Andrew; PLUNKETT, John. *Popular print media, 1820-1910*. Nova York: Routledge, 2004.
- KREBS, Paula. *Gender, race and the writing of empire*. Cambridge University Press, 1999.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998
- LUDLAM, Harry. *A biography of Bram Stoker, creator of Dracula*. Londres: NEL, 1977.
- MILNE-SMITH, Amy. *London clubland: a cultural history of gender and class in Late-Victorian Britain*. Nova York: Palgrave & Macmillan, 2011.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, pp. 3-15.
- PONTES, Heloísa. Círculos de intelectuais e experiência social. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n.34, 1997.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 1998.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SILVA, Evander Ruthieri da. *Cavaleiros e homens bravos: masculinidades em Drácula (1897), de Bram Stoker*. Monografia em História. Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2012.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SMITH, Bonnie. *Imperialism: a history in documents*. Oxford University Press, 2000.
- THOMAS, Ronald R. Detection in the Victorian Novel. In: DAVID, Deirdre. *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VANINSKAYA, Anna. The Late-Victorian Romance Revival: A General Excursus. In: *English Literature in Transition, 1880-1920*, v.51, n.1, 2008.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: cultura escrita e sociabilidades na correspondência de Oliveira Vianna. In: *Revista Estudos Históricos*, n.28, 2001, pp.23-47.

### Fontes

STOKER, Bram. *Snowbound: the recordings of a theatrical touring party*. Londres: Collier & Co., 1908.

STOKER, Bram. *Personal Reminiscences of Henry Irving*. Londres: William Heinemann, 1907.

STOKER, Bram. *Dracula*. Londres: Penguin Books, 1994.

WRIGHT, Thomas. *The life of Sir Richard Burton*. Londres: Everett & Co., 1906.

**Periódicos:** *The Penny Illustrated Paper, Taranaki Daily News, The Punch Magazine, The Graphic, London Standard, The Spectator, The Graphic, Westminster Review.*